

AUMENTO DA UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE REQUER RETOMADA DO INVESTIMENTO

**AUMENTO DA UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE
REQUER RETOMADA DO INVESTIMENTO**

PRESIDENTE	ARMANDO DE QUEIROZ MONTEIRO NETO
1º VICE-PRESIDENTE DA CNI	CARLOS EDUARDO MOREIRA FERREIRA
VICE-PRESIDENTES	FRANCISCO RENAN ORONÓZ PROENÇA ROBSON BRAGA DE ANDRADE JOSÉ DE FREITAS MASCARENHAS JOSÉ FERNANDO XAVIER FARACO ABELÍRIO VASCONCELOS DA ROCHA FRANCISCO DE ASSIS BENEVIDES GADELHA FERNANDO CIRINO GURGEL DANILO OLIVO CARLOTTO REMOR ANTONIO JOSÉ DE MORAES SOUZA ALFREDO FERNANDES JOSÉ NASSER
1º SECRETÁRIO DA CNI	LOURIVAL NOVAES DANTAS
2º SECRETÁRIO DA CNI	JOSÉ CARLOS LYRA DE ANDRADE
1º TESOUREIRO DA CNI	ALEXANDRE HERCULANO COELHO DE SOUZA FURLAN
2º TESOUREIRO DA CNI	PAULO AFONSO FERREIRA
DIRETORES	FERNANDO ANTONIO VAZ JOÃO OLIVEIRA DE ALBUQUERQUE CARLOS SALUSTIANO DE SOUSA COELHO JORGE PARENTE FROTA JÚNIOR JORGE MACHADO MENDES IDALITO DE OLIVEIRA SIVALDO DA SILVA BRITO DAGOBERTO LIMA GODOY OSVALDO MOREIRA DOUAT LUIS EULALIO DE BUENO VIDIGAL FILHO CARLOS ANTÔNIO DE BORGES GARCIA FERNANDO DE SOUZA FLEXA RIBEIRO ANTONIO FÁBIO RIBEIRO JORGE ALOYSIO WEBER OLAVO MACHADO JÚNIOR JORGE WICKS CÔRTE REAL
CONSELHO FISCAL EFETIVOS	JULIO AUGUSTO MIRANDA FILHO RONALDO DIMAS NOGUEIRA PEREIRA JOSÉ BRÁULIO BASSINI
SUPLENTES	ADALBERTO DE SOUZA FERNANDO FERNANDES DE OLIVEIRA JORGE ANTÔNIO PEREIRA LOPES DE ARAÚJO

NOTA TÉCNICA 1



Confederação Nacional da Indústria



AUMENTO DA UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE REQUER RETOMADA DO INVESTIMENTO

Paulo Mol
Renato Fonseca

Brasília
Agosto de 2004

*Os autores agradecem os comentários de José Augusto Fernandes e Flávio Castelo Branco. Os erros que porventura venham a ser encontrados são de inteira responsabilidade dos autores.

© 2004. CNI – Confederação Nacional da Indústria

É autorizada a reprodução total ou parcial desta publicação, desde que citada a fonte

M717a

Mol, Paulo

Aumento da utilização da capacidade requer retomada do investimento/Paulo Mol, Renato Fonseca. – Brasília: CNI, agosto de 2004 (Nota Técnica,1)

15 p.: il.— (Nota Técnica CNI, 1)

ISSN

1.Utilização da capacidade instalada 2. indústria 3. Investimento
I. Fonseca, Renato II. Título

CDU 338.32

CNI – Confederação Nacional da Indústria

Setor Bancário Norte, Quadra 1, Bloco C

Edifício Roberto Simonsen

70040-903-Brasília - DF

Tel.(61) 317-9001

Fax. (61) 317-9994

www.cni.org.br

Serviço de Atendimento ao Cliente - SAC

Tel.: (61) 317-9989/317-9992

sac@cni.org.br

AUMENTO DA UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE REQUER RETOMADA DO INVESTIMENTO

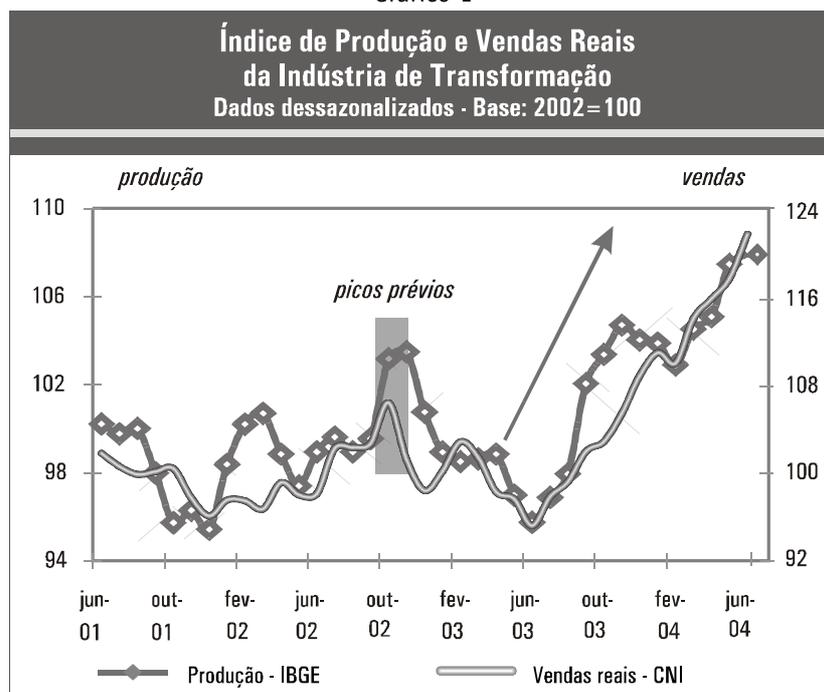
A indústria está em expansão há um ano. Se, por um lado, esse crescimento eximiu as dúvidas de que há uma recuperação em curso, por outro, abriu espaço para discussões sobre os limites do ritmo de crescimento atual. O baixo investimento no parque fabril nos últimos seis anos e o nível recorde de utilização da capacidade instalada da indústria em junho mostram que a preocupação com o manutenção do crescimento é procedente.

Ainda que alguns setores já dêem sinais de estarem próximos da capacidade plena, de um modo geral, o grau de utilização da capacidade instalada da indústria de transformação ainda permite o crescimento da produção sem entraves significativos no curto prazo. No entanto, para a manutenção do crescimento no longo prazo faz-se necessária a retomada dos investimentos.

RECUPERAÇÃO SE CONSOLIDA E PRODUÇÃO INDUSTRIAL ALCANÇA SEU NÍVEL MAIS ELEVADO

Há um ano, a produção industrial e as vendas reais da indústria de transformação apresentam trajetória robusta de crescimento, como mostram, respectivamente, a Pesquisa Industrial Mensal do IBGE e os Indicadores Industriais da CNI. Entre junho de 2003 e junho de 2004, as vendas reais expandiram-se continuamente, acumulando crescimento de 27,7%. No mesmo período, a produção elevou-se 13,3%. Parte da expansão deveu-se, certamente, à fraca base de comparação, o que não ofusca, entretanto, o vigor da recuperação (Gráfico 1). Em termos dessazonalizados, a produção de junho já ultrapassou em 4,2% o pico prévio ocorrido em novembro de 2002. Já as vendas reais da indústria ampliaram-se 14,5% em relação ao pico ocorrido em outubro de 2002.

Gráfico 1

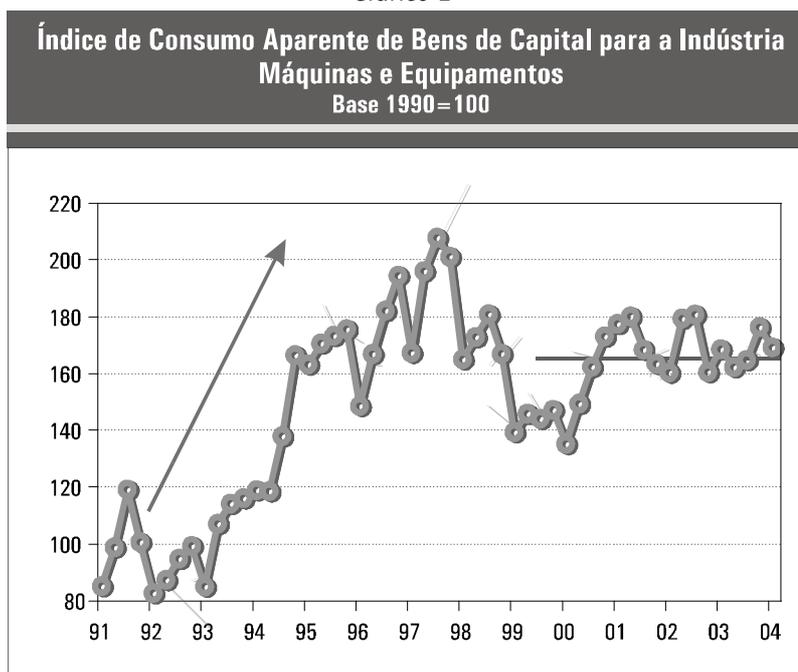


Fonte: PIM/IBGE e Indicadores Industriais/CNI

A indústria de transformação opera no mais alto índice de toda a sua série histórica, como mostra o índice de produção física do IBGE. O crescimento da produção é generalizado, atingindo, sem exceção, todos os segmentos industriais. As indústrias de bens de capital e de bens de consumo duráveis, por exemplo, tiveram suas produções ampliadas em mais de 30% desde junho de 2003, quando do início da recuperação da atividade econômica. No mesmo período, a produção de bens intermediários aumentou em 11% e a de bens de consumo semi e não duráveis, em pouco mais de 6%. Em termos dessazonalizados, todos os quatro segmentos, à exceção dos bens de consumo semi e não duráveis, operaram em junho de 2004 em nível recorde de produção.

Se, por um lado, o notável ritmo de crescimento da indústria de transformação eximiu qualquer dúvida acerca do dinamismo da atividade econômica, por outro lado, contrapôs-se à fraca demanda por máquinas e equipamentos da indústria nos últimos seis anos (Gráfico 2). O baixo investimento no parque produtivo nesse longo período pode gerar alguns entraves à manutenção do ritmo de crescimento industrial. Não é possível aumentar ou mesmo manter o ritmo de crescimento se o consumo aparente de bens de capital (investimento) se mantiver no patamar dos últimos seis anos.

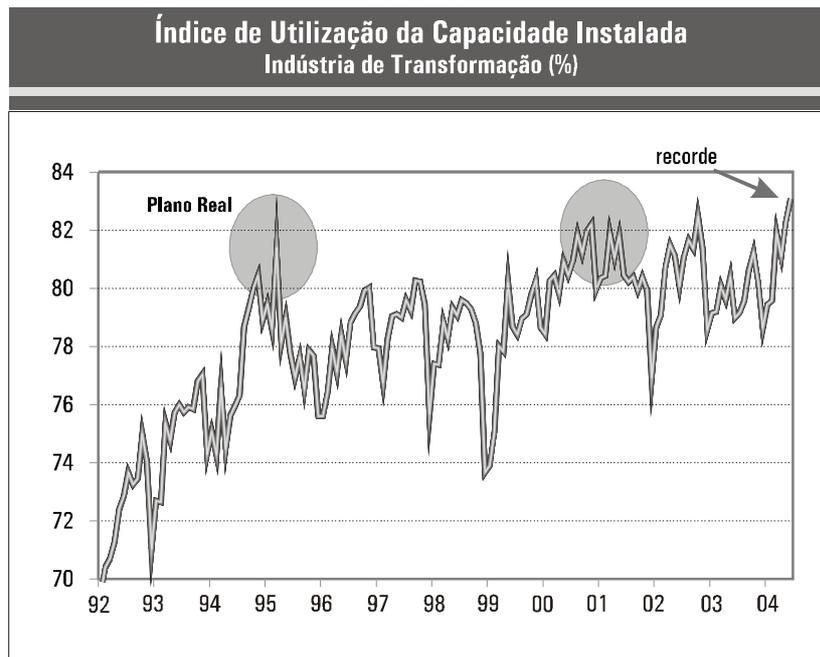
Gráfico 2



Fonte: IPEA

Os temores quanto à continuidade do dinamismo da indústria se intensificaram com a divulgação dos Indicadores Industriais da CNI de junho de 2004, que registrou recorde de utilização da capacidade instalada (Gráfico 3). A indústria brasileira operou, nesse mês, com a utilização média de 83% do potencial de produção. Além disso, por razões sazonais, a tendência do nível de utilização é de ampliar-se nos próximos quatro meses. Cabe ainda ressaltar que não obstante a recuperação industrial estar em sua fase inicial, o índice de utilização da capacidade instalada já ultrapassou os níveis só obtidos nos finais de períodos de franca expansão da indústria, como nos primeiros anos do Plano Real ou no biênio 2000/2001, antes do racionamento de energia.

Gráfico 3



Fonte: Indicadores Industriais/CNI

O crescimento industrial encontra-se em sua fase inicial e deverá ser duradouro. A expectativa de continuidade é formada principalmente pelo excelente desempenho das exportações, cujo ritmo de crescimento ultrapassa 30% na comparação entre os primeiros semestres de 2004 e 2003. Conseqüentemente, o emprego e a massa salarial já dão sinais de recuperação, ainda que moderada, impulsionando o consumo e realimentando o processo de crescimento.

Em síntese, o ritmo atual de crescimento da indústria pode ser atenuado caso o investimento não volte a crescer e a indústria se aproxime do limite de sua capacidade de produção. Resta saber se o grau de ociosidade da indústria é suficiente para sustentar o crescimento durante o período necessário à maturação dos investimentos.

O GRAU DE UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE ATINGE NÍVEIS RECORDES, MAS AINDA HÁ ESPAÇO PARA O CRESCIMENTO

O crescimento da produção não leva necessariamente ao esgotamento da capacidade produtiva da indústria. Isto só acontece quando o crescimento não é equilibrado, ou seja, quando o aumento da produção não é acompanhado pelo aumento do estoque de fatores de produção. O que tem causado certa apreensão no processo recente de recuperação é a aparente resposta tardia do investimento. A questão que se coloca é se essa resposta é realmente tardia ou se ela ocorre no tempo certo – dado o ritmo da retomada e o grau de utilização da capacidade instalada – para a manutenção do processo.

O primeiro ponto para a discussão é quanto ao espaço que cada atividade industrial tem para aumentar sua produção. Quais setores estão próximos da exaustão de sua capacidade produtiva? Ele está próximo da exaustão? Há mais de uma maneira de se estimar o nível de utilização da capacidade instalada. Uma delas é através da distância entre a produção num determinado momento e o produto potencial. Essa distância é conhecida como hiato da produção. Outra maneira possível de mensurar o nível de

aproveitamento da capacidade instalada é utilizar-se de sondagens junto às indústrias, como por exemplo, a Sondagem Industrial da CNI, em que o empresário avalia o grau de utilização da capacidade produtiva de sua empresa. Ambas as medidas apresentam deficiências. Assim, como forma de aumentar o grau de confiança da análise, este trabalho confronta as duas abordagens, numa perspectiva setorial.

Para a abordagem do hiato do produto a principal dificuldade é a estimação do produto potencial. Nesta nota assume-se que o maior nível de produção dos últimos cinco anos representa o produto potencial. Essa seria uma hipótese pouco plausível não fosse o fato do estoque de capital da indústria ter se mantido praticamente constante no período.¹ Os ganhos de produtividade tendem a fazer que esse método subestime o produto potencial. Tais ganhos, porém, foram baixos no período, sobretudo a partir de 2000.

A Tabela 1 apresenta os hiatos da produção para os diversos setores de atividade da indústria de transformação. Os resultados obtidos permitem identificar três grupos de indústrias: as que estariam operando no limite da capacidade instalada (no ponto máximo da produção histórica), as que estariam operando com pouca capacidade ociosa (próximo ao recorde histórico) e as que operam com baixa utilização do parque fabril.

O primeiro grupo, formado por oito das 26 divisões da Classificação Nacional de Atividade Econômica (CNAE) consideradas, é composto das empresas que chegaram, no segundo trimestre de 2004, a um nível recorde de produção, ou seja, o hiato em relação à produção máxima nos últimos cinco anos é zero. Por essa abordagem, os setores que estariam operando ao nível de produto potencial seriam: Madeira, Papel e Celulose, Perfumaria, Máquinas e Equipamentos, Materiais Elétricos, Veículos Automotores, Outros Equipamentos de Transporte e Alimentos.

Há outro grupo, mais numeroso, que abarca os setores que, na margem, estão próximos ao limite histórico de produção. Esse grupo opera com pouca ociosidade no parque fabril e agrega segmentos importantes como: Metalurgia, Têxteis, Minerais Não Metálicos, Borracha e Plástico, Mobiliário e Química.

Alguns segmentos têm a peculiaridade de sempre operarem com pouca capacidade ociosa, como são os casos de Metalurgia Básica e Celulose. Nesses setores, em que o processo de produção é contínuo e intensivo em capital, não há a possibilidade de se operar com folga no parque produtivo, sob o risco de não ser economicamente viável. Entretanto, a maior parte dos segmentos que estão operando em ritmo acelerado não possui essa especificidade. O alto ritmo de produção não pode ser creditado, portanto, a fatores técnicos, mas devido ao aquecimento da demanda.

Por fim, no outro extremo, oito setores industriais apresentam ociosidade no parque fabril. Nesse grupo, a produção média do segundo trimestre está, no mínimo, 15% aquém do ponto máximo de produção do período considerado. Cabe ressaltar que dentre os setores que operam com maior ociosidade, quase todos pertencem ao segmento de bens de consumo semi e não duráveis, como Vestuário, Calçados, Farmacêuticos, e bebidas. Essa categoria de produtos é, em grande medida, destinada ao mercado interno e é fundamentalmente dependente da renda.

¹ Morandi, Lucilene. Estimativa do estoque de capital fixo Brasil - 1950/2000. Rio de Janeiro: IPEA / Dimac, 2003. (Texto para discussão, no prelo). Os dados foram atualizados até 2002 pelo IPEA.

Tabela 1

Hiato do Produto na Indústria de Transformação		
Atividade Industrial	Período de Nível Máximo	Hiato do Produto
Recordes de produção		
Madeira	Abr-Jun 2004	0%
Papel e celulose	Abr-Jun 2004	0%
Perfumaria e produtos de limpeza	Abr-Jun 2004	0%
Máquinas e equipamentos	Abr-Jun 2004	0%
Máquinas e materiais elétricos	Abr-Jun 2004	0%
Veículos automotores	Abr-Jun 2004	0%
Outros equipamentos de transporte	Abr-Jun 2004	0%
Alimentos	Abr-Jun 2004	0%
Pouca Capacidade Ociosa		
Metalurgia básica	Nov2003 - Jan2004	-1%
Máquinas para escritório e equip. de informática	Mar-Mai 2004	-1%
Têxteis	Jun-Ago 2000	-1%
Produtos de metal	Fev-Abr 2002	-2%
Equip. médico-hospitalares e ótico	Set-Nov 2003	-3%
Minerais não metálicos	Jul-Set 2000	-4%
Outros produtos químicos	Out-Dez 1999	-4%
Borracha e plástico	Jul-Set 2000	-5%
Mobiliário	Mai-Jul 2000	-7%
Refino de petróleo e álcool	Ago-Out 2001	-10%
Muita Capacidade Ociosa		
Diversos	Set-Nov 2003	-15%
Vestuário e acessórios	Dez2000 - Fev2001	-16%
Mat. eletrônico e equip. de comunicações	Dez2000 - Fev2001	-16%
Farmacêutica	Fev-Abr 2002	-18%
Calçados e couro	Fev-Abr 2000	-19%
Bebidas	Abr-Jun 2001	-23%
Edição, impressão e reprodução de gravações	Out-Dez 2003	-33%
Fumo	Jun-Ago 2000	-53%

* Variação entre a produção industrial dessazonalizada do 2º trimestre de 2004 e o ponto máximo de produção de três meses consecutivos nos últimos cinco anos.

Fonte: Elaborado pelos autores com base nas estatísticas da PIM/IBGE.

Grande parte dos setores que operam à plena carga está sendo estimulada pelo expressivo crescimento da demanda externa. No primeiro trimestre de 2004, por exemplo, o *quantum* das exportações de máquinas e tratores superou em 72,9% o volume exportado no mesmo período do ano anterior (Tabela 2). O excelente desempenho das vendas externas foi também observado para os veículos automotores, as peças de automóveis, os equipamentos eletrônicos e os móveis e produtos de madeira. Em comum, os setores produtores desses bens operam no mais alto patamar de produção, como está expresso na Tabela 1. Essas são, no momento, as atividades mais dinâmicas na economia e seriam, portanto, as primeiras candidatas a experimentar dificuldades de oferta.

Tabela 2

Índice de <i>Quantum</i> das Exportações	
Variação Percentual entre o	
1º trimestre de 2003 e o 1º trimestre de 2004	
Atividade Econômica	1º tri 04 / 1º tri 03 (%)
Máquinas e tratores	72,9
Açúcar	59,7
Veículos automotores	48,8
Elementos químicos	35,3
Equipamentos eletrônicos	31,4
Peças e outros veículos	31,2
Minerais não metálicos	29,5
Madeira e mobiliário	27,4
Beneficiamento de produtos vegetais	23,0
Material elétrico	22,0
Metalurgia não ferrosos	21,2
Total	20,4
Têxtil	17,2
Óleos vegetais	16,5
Celulose, papel e gráfica	15,1
Outros produtos alimentares	15,0
Indústrias diversas	13,6
Borracha	11,1
Químicos diversos	11,0
Calçados, couros e peles	10,5
Abate de animais	8,9
Siderurgia	2,0
Outros produtos metalúrgicos	0,2
Café	-7,2
Refino de petróleo e petroquímicos	-8,9

Fonte: Funcex

Além destes, cabe acrescentar os setores de Metalurgia e o de Papel e Celulose. O fato de operarem próximos do limite máximo de produção deixa muito pouca margem para acomodarem aquecimentos de demanda inesperados e intensos. Isso pode dificultar a manutenção do atual ritmo de crescimento das exportações (15% para papel e celulose e 21% para produtos metalúrgicos não ferrosos, na comparação entre o primeiro trimestre de 2003 e o de 2004), caso o ritmo de recuperação do mercado doméstico se acentue demasiadamente.

Como citado anteriormente, a metodologia utilizada para a estimação do hiato do produto tende a superestimar o nível de utilização de capacidade. Como forma de minimizar possíveis distorções optou-se por repetir o exercício tendo como base os índices de utilização da capacidade instalada elaborados por sondagens junto às empresas. Para esse trabalho, utilizou-se o índice de utilização da capacidade instalada da Sondagem Industrial da CNI. A série com base na CNAE foi retroagida até o terceiro trimestre de 2000. Como as 16 observações existentes não permitem dessazonalização confiável, optou-se por trabalhar com dados sem ajuste sazonal.

Tabela 3

Índice de utilização da capacidade instalada na indústria de transformação	
Diferença em pontos percentuais entre o 2º trimestre de 2004 e o ponto máximo desde o 3º trimestre de 2000	
Atividade Industrial	Diferença
Recorde de utilização da capacidade instalada	
Madeira	0
Têxtil	-1
Máquinas e equipamentos	-1
Alta utilização da capacidade instalada	
Equip. médico-hospitalares e ótico	-3
Metalurgia básica	-4
Produtos de metal	-4
Máquinas e materiais elétricos	-5
Borracha e Plástico	-6
Veículos automotores	-6
Folga na Capacidade instalada	
Bebidas	-7
Outros produtos químicos	-7
Alimentos	-8
Vestuário e acessórios	-8
Calçados e couros	-8
Indústrias diversas	-8
Farmacêuticos	-9
Minerais não metálicos	-9
Papel e celulose	-10
Edição, impressão e reprodução de gravações	-10
Mobiliário	-11
Perfumaria e produtos de limpeza	-12
Outros equipamentos de transporte	-15

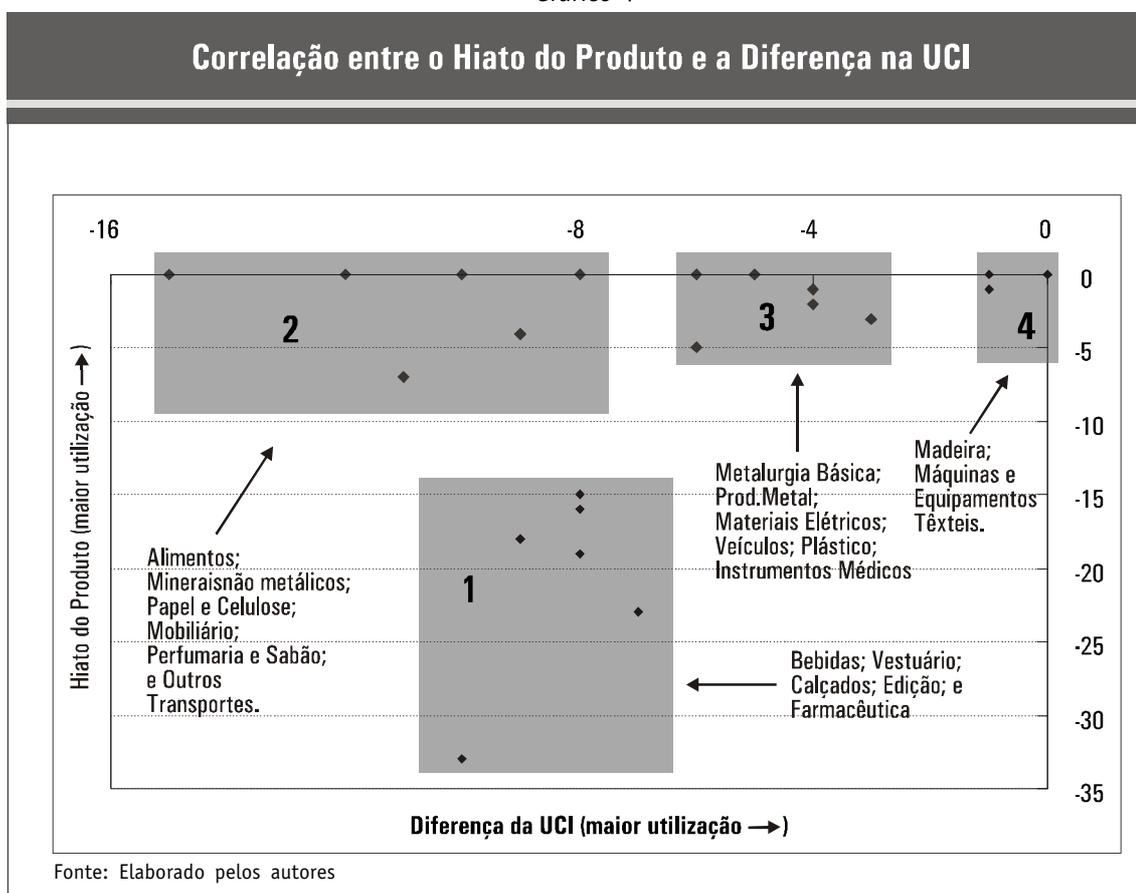
Fonte: Elaborado pelos autores com base nas estatísticas da Sondagem Industrial/CNI.

Como forma de qualificar a análise, subtraiu-se o índice de utilização da capacidade instalada do segundo trimestre de 2004 pelo valor máximo obtido nos últimos anos. Feito isso, os setores de atividade foram divididos em três grupos de acordo com a intensidade no uso da capacidade instalada relativa ao pico histórico do período considerado:

- os que operam com recorde ou muito próximo do nível máximo de utilização da capacidade do período considerado, como foram os casos das indústrias de Máquinas e Equipamentos, Têxteis e Madeira;
- os que operam com alto aproveitamento do parque fabril, mas guardam alguma distância em relação ao nível máximo, como Metalurgia, Materiais Elétricos, Borracha e Plástico e Veículos Automotores; e
- os que operam com folga expressiva na capacidade de produção e engloba a maior parte das indústrias: desde bens de consumo semi- e não duráveis (como as bebidas, os alimentos, os calçados, os fármacos e os produtos de perfumaria e limpeza) a bens intermediários (como os minerais não metálicos, a celulose e os papéis e os produtos químicos), até bens de consumo duráveis e de capital (como os equipamentos de transporte).

A combinação das duas análises permitiu a classificação dos setores de atividades em quatro blocos, ilustrados no Gráfico 4. Os setores industriais foram agregados de acordo com o nível de urgência em que o processo de investimento deve ocorrer, ou seja, de acordo com a proximidade da produção ao ponto de exaustão.

Gráfico 4



O bloco 1 é composto pelos setores de atividade que estão trabalhando com folga na capacidade de produção, não só porque exibem maior distância entre a produção atual e o pico histórico, mas também porque os empresários assim avaliaram. Nesse grupo, abarcam os setores de Bebidas, Editorial e Gráfica, Calçados, Vestuário, e Farmacêutico. Não há restrição ao crescimento no curto prazo, visto que há muita ociosidade na produção. Ademais, esses setores de atividade também não apresentam uma forte demanda interna ou externa, o que deve mantê-los ainda por algum tempo como os mais ociosos em termos produtivos.

O bloco 2 é formado por aqueles que trabalham com folga considerável no parque produtivo, mas apresentam altos níveis de produção (próximo do pico histórico) e exportação, como são os casos dos setores de Alimentos, Minerais Não Metálicos, Papel e Celulose, Mobiliário, Perfumaria e Outros Equipamentos de Transportes. Esses segmentos estão mais preparados para sustentar o vigoroso crescimento da atividade industrial do que os demais e os riscos de esgotamento do parque produtivo, no curto prazo, são improváveis.

O bloco 3 reúne as indústrias que guardam uma pequena distância do ponto máximo de utilização do potencial produtivo e operam com o nível de utilização da capacidade instalada próximo ao recorde dos últimos anos, segundo a avaliação dos empresários. Nessa situação, encontram-se as atividades Máquinas e Materiais Elétricos e Veículos Automotores, segmentos que operam com hiato de produção igual a zero e, concomitantemente, apresentam uma demanda externa aquecida. Além destes, há também as indústrias das atividades Metalurgia Básica, Produtos de Metal e Borracha e Plásticos. Todos os segmentos desse grupo operam próximos do recorde de produção. São setores dinâmicos e que merecem ser acompanhados de perto, mas que ainda possuem alguma folga da capacidade instalada. Provavelmente, não deverão enfrentar problemas de esgotamento na oferta produtiva no curto prazo, caso a recuperação mantenha-se no ritmo atual.

Por fim, cabe destacar o quarto bloco composto por três setores – Madeira, Têxteis e Máquinas e Equipamentos. Esses setores operam com o mais alto aproveitamento do parque fabril na avaliação dos empresários e, concomitantemente, em níveis recordes de produção dos últimos cinco anos. São setores com traços inequívocos de que estão utilizando mais intensamente o potencial de produção, o que os coloca como os mais visíveis candidatos ao risco de esgotamento da capacidade produtiva no curto prazo.

De uma maneira geral, a utilização da capacidade instalada da indústria encontra-se elevada, mas não há porque se esperar um esgotamento generalizado no curto ou médio prazo. No entanto, alguns setores, sobretudo os do bloco 4, mostram indícios de estarem próximos do limite. Note-se, contudo, que os temores com relação a um possível esgotamento da capacidade produtiva só são justificáveis caso o nível de investimento da indústria continue baixo.

INVESTIMENTO VOLTA A CRESCER, MAS AINDA EM RITMO MODERADO

A segunda questão a ser analisada é a evolução do investimento. Infelizmente, as estatísticas relativas a investimento não são disponibilizadas prontamente, sobretudo desagregadas por setor de atividade. Desse modo, não será possível ter uma análise detalhada a nível setorial, mas, de um modo geral, há sinais de retomada do investimento na indústria, ainda que moderados.

O índice de consumo aparente de máquinas e equipamentos pelo setor industrial, elaborado pelo IPEA, cresceu 9,9% no quarto trimestre de 2003 e 0,4% no primeiro de 2004, na comparação com igual período do ano anterior. Apesar do arrefecimento nos primeiros três meses de 2004, dados mais recentes de produção e importação de bens de capital confirmam a recuperação. A produção de bens de capital tipicamente industrial cresceu 14,9% no primeiro semestre de 2004 com relação a igual período de 2003. Esse é um sinal positivo, ainda que boa parte destinou-se à exportação.

As compras de bens de capital importados voltaram a crescer depois de mais de dois anos de queda. O índice de *quantum* das importações da Funcex cresceu 32,2% no quarto trimestre 2003 em comparação com igual período do no anterior. No primeiro trimestre de 2004 esse indicador mostra estabilidade na comparação com o primeiro trimestre de 2003, mas as importações voltam a crescer forte no segundo trimestre: 18,2% na mesma base de comparação. Acompanhando a tendência dos demais indicadores, os desembolsos do BNDES cresceram 33%, na comparação entre o primeiro semestre de 2004 com o de 2003.

O aporte de recursos para investimento financiado pelo BNDES é divulgado setorialmente, mas em um país onde, em média, 70% dos investimentos da indústria é realizado com recursos próprios², essa é uma informação limitada. Em termos setoriais, observa-se que o setor de Material de Transportes é o mais provido de investimentos, recebendo metade dos desembolsos direcionados para a indústria. Grande parte desse volume de recursos é destinada à fabricação e montagem de aeronaves. A agroindústria, sustentada pelo bom desempenho das exportações, é outro setor a receber um volume substancial de recursos. Mais do que isso, o volume de recursos aportados no setor ampliou-se 45% em um ano.

Tabela 4

Desembolsos de Recursos para Investimento por Setor de Atividade (R\$ milhões)			
Setores	R\$ milhões jan-jul 2004	Particip. do setor (%)	jan-jul 04 / jan-jul 03 (%)
Material de Transporte	4.173	49,4	38
Agroindústria	1.189	14,1	45
Metalurgia	646	7,6	-15
Celulose e Papel	556	6,6	185
Mecânica	533	6,3	182
Química e Petroquímica	374	4,4	-17
Indústria Extrativa	163	1,9	159
Têxtil	139	1,6	-21
Outros	679	8,0	3
Indústria	8.452	100	33

Fonte: BNDES

² CNI, Investimentos na Indústria Brasileira: 1998-2002. Brasília: CNI, 2001.

Em termos relativos, os setores cuja captação de recursos no BNDES mais cresceu na comparação entre os primeiros semestres de 2004 e 2003 são os de Papel e Celulose (com uma taxa de crescimento de 185%), Mecânica (com 182%) e Extrativo (com 159%). Como visto anteriormente, esses setores destacaram-se entre os que apresentam maior crescimento da produção e grande potencial de exportação; dessa forma, o aumento dos desembolsos sinaliza um certo fôlego para a continuidade do crescimento no futuro. Por outro lado, a queda do volume de financiamento nos setores Têxteis e Metalurgia é um sinal preocupante, já que operam com pouca capacidade ociosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A recuperação da demanda doméstica em conjunto com a manutenção do ritmo de crescimento das exportações promoverão um crescimento mais acentuado da produção industrial brasileira neste segundo semestre. Conseqüentemente, o nível de utilização da capacidade produtiva deverá continuar crescendo. Chama atenção, no entanto, o registro de níveis recordes já no início da retomada da produção, quando no passado recente isso só veio ocorrer em períodos mais avançado do processo de recuperação.

O crescimento da produção não leva necessariamente ao esgotamento da capacidade produtiva da indústria. Isto só acontece quando o crescimento não ocorre de maneira equilibrada, isto é, quando não é acompanhado pelo aumento do estoque de fatores de produção. O que tem causado certa apreensão no processo recente de recuperação é a aparente resposta tardia do investimento, após um período de quase três anos de relativa estabilidade.

A situação da indústria como um todo ainda não é motivo para preocupações, porém, o mesmo não é verdade para alguns setores específicos. Os setores de Madeira, Têxtil e Máquinas e Equipamentos estão trabalhando em níveis historicamente elevados, sendo fortes candidatos para um esgotamento no curto prazo caso os investimentos não se concretizem de imediato. Os setores de Metalurgia Básica, Produtos de Metal, Materiais Elétricos, Veículos, Plástico e Borracha e Instrumentos Médico-Hospitalares e Óticos também merecem atenção especial, embora tenham mais espaço de manobra do que os citados anteriormente.

No curto prazo, não há motivos para se temer um esgotamento da capacidade produtiva da indústria, mas a manutenção do crescimento industrial só será sustentada, no longo prazo, se projetos de investimento forem levados à frente. Os desembolsos do BNDES, a produção doméstica e as importações de bens de capital já dão sinais de uma retomada do investimento. Não obstante, para o fortalecimento desse movimento é de suma importância que o governo propicie um ambiente favorável ao investimento.

Avançar no processo de desoneração dos impostos incidentes sobre os bens de capital é condição básica para atrair investimentos. Adicionalmente, é necessário buscar a redução do custo de capital que envolve não só reduzir a taxa de juros Selic, mas promover a redução do *spread* e o aumento da disponibilidade de crédito. Outra medida importante é o desenvolvimento de marcos regulatórios transparentes e estáveis, dando segurança aos investidores. Em resumo, sem a adoção de medidas pró-investimento, não há perspectivas de que o crescimento possa, de fato, ocorrer de maneira duradoura.

Confederação Nacional da Indústria - CNI

Diretoria Executiva - DIREX

Diretor Executivo: José Augusto Coelho Fernandes

Diretoria de Operações – DIOP

Diretor: Marco Antonio Reis Guarita

Unidade de Política Econômica - PEC

Coordenador: Flávio Castelo Branco

Superintendência Corporativa – SUCORP

Unidade de Comunicação Social - UNICON

Editoração: Sueli Santos

Superintendência de Serviços Compartilhados – SSC

Área Compartilhada de Informação e Documentação – ACIND

Normalização: Sylena Alexandre



www.cni.org.br

**SBN, Quadra 1, Bloco c
Edifício Roberto Simonsen
70040-903 - Brasília - DF
Tels.: (61) 317-9989/9992 - Fax.: (61) 317-9994**